

Quem é este homem que está a falar uma língua estrangeira?



Os americanos podem ser tolos quando se trata de aprender uma língua estrangeira; vivem num país tão grande e dinâmico que tendem a pensar que só precisam - e só precisarão - de falar inglês. Eu pensava o mesmo até começar a visitar Portugal nos anos 80 do século passado e percebi que nunca seria capaz de conversar sobre nada além de trivialidades com os portugueses, a menos que aprendesse a língua deles. Quando mudei para o Porto em 1990, tinha de dar aulas em português e passei os anos seguintes a acumular vocabulário e facilidade no uso dos tempos e conjugações dos verbos. Hoje em dia, penso que falo português muito bem. Ainda assim, muitas vezes, sinto que estou a desafiar todas as minhas expectativas quando dou uma palestra em português. Quem é este homem que está a falar uma língua estrangeira? Poderá ele realmente ser eu?

Adoro falar português, em parte porque me orgulho de ter aprendido a língua bastante bem, mas também porque sua estrutura é muito diferente da do inglês. Por exemplo, tem tempos verbais que não existem na minha língua materna. Recentemente, comecei a escrever em português livros para crianças e também valorizo muito o desafio de criar uma história poética, comovente e cômica numa segunda língua.

Estou convencido de que aprender português me tornou numa pessoa muito mais rica e flexível - mais capaz de apreciar e aceitar diferentes culturas e as suas formas de pensar sobre a vida, a morte, o amor, a amizade, o sexo e todos os outros assuntos mais importantes da vida. Isso, por sua vez, tornou-me um romancista muito mais capaz, pois isso permite-me escrever sobre o mundo segundo a perspectiva de personagens de diferentes países e origens.

É óbvio para mim que o português alargou passagens no meu cérebro que eram muito estreitas antes de eu mudar para Portugal. Tenho a certeza de que penso com mais clareza e plenitude porque as duas línguas - e duas culturas - coexistem dentro de mim.

Acho que tenho muito sorte em ser capaz de ler os textos originais de Camões, de Miguel Torga e de tantos outros autores portugueses. Ou ouvir *Barco Negro* e perceber a fonte do desespero na voz de Amália. Ou conversar com alunos numa pequena aldeia sobre a minha escrita. Ou simplesmente falar com um vendedor de frutas sobre as ameixas ou mangas que ele vende.

Richard Zimler

5 de maio de 2021